

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

Assignaturas

Trimestre 300 rs. Semestre 600 rs. Numero avulso 30 rs.
Administração Livraria Valle, Campo de S. José, Barcellos,
para onde toda a correspondencia deve ser dirigida franca de
porte.

DOMINGO, 9 DE AGOSTO

— DE 1891 —

Publicações

Annuncios, linha 30 rs. Repetições 20 rs. Corpo do jornal
40 rs. Os srs. assignantes gozam o abatimento de 25 % An-
nunciam-se as publicações litterarias, de que se receba um
exemplar.

N.º 75

ANNO II

SABBADO, 8

Estamos em uma Babel!
Ninguem se entende; pergun-
tamos uns aos outros o
que será para nós o dia
d'amanhã, e ninguem nos
sabe responder, nem com
acerto, nem com probabi-
lidades sequer! Em que
tristissima situação nos
collocaram!...

D'onde vem esta crise,
que nos ameaça de morte?

Do máo estado em que
se acha o cambio do Brazil,
dizem uns; mas a estes res-
ponde a estatística cambial,
que nos diz ter-se achado o
cambio brasileiro no mes-
mo gráo em 1877, e então
não foi tão aguda e ameaça-
dora a crise. E este argu-
mento é convencedor; real-
mente esta crise monetaria
não tem a origem sómente
no máo estado em que se
acha o cambio sobre o di-
nheiro brasileiro.

E do máo estado em que
se encontra o nosso credito,
dizem outros; e esta asser-
ção contribue poderosissi-
mamente para este estado
lastimoso, mas profunda-
mente lastimoso, em que
nos achamos; concluindo-se
d'aqui—que nós temos vi-
vido do credito, e, faltando
este, ficamos em pantana.

Pois quem vive só do cre-
dito, e não tracta de fazer
augmentar o seu rendimen-
to, para com elle solver as
suas dividas, prepare as
barbas para as deitar de
mólho, mais hoje mais ama-
nhã.

E' isso justamente o que
nos está acontecendo.

A crise monetaria accen-
tua-se, e de cada vez mais
grave, mais aguda e mais
ameaçadora; não nos illuda-
mos; esta é que é a verdade.

O pouco metal, que por
aqui ainda circula, estava
nas mãos dos proprietarios,
que tinham vendido, em
tempo proprio, os seus pro-
ductos agricolas, e que ago-
ra, para fazerem face ás
despezas das suas casas,
vão soltando o metal, que
tinham nos seus mealhei-
ros, e, continuando isto as-
sim n'esta escala, quando
chegarmos á epocha da ven-
da dos productos agricolas
da colheita, que se apro-
xima, só receberemos papel,
e nem um real em metal.
E depois? E depois só ve-
remos nótas e mais nada.

Não somos pessimistas,

nem nos queremos atemoriar;
mas afigura-se nos que
estas provisões não vão fa-
lhar; e tanto que, ao que tra-
ça estas linhas, já um ex-
portador de vinhos para o
estrangeiro preveniu, de que
lhe compraria o vinho da
proxima colheita, mas com
a condição, de que seria
pagó em papel.

Para onde vae pois o
nosso dinheiro?

A moeda circulante em
ouro n'este paiz era quasi
toda ingleza, e em grande
parte comprada á Inglater-
ra para satisfazer ás exigen-
cias da nossa vida econo-
mica.

Aonde pára, pois, o ca-
pital que nós empregamos
na compra d'essa moeda?
No credito? Perguntem á
França por elle, e depois
com vista — *rapaziada fina*,
nas mãos de quem entre-
garam a administração do
paiz, e aos jornalistas dis-
tinctos e laureados acade-
micos, que nos pozeram a
landes!

Mas a verdade é, que hoje
vão se voltando as vistas
de animadversão para o
alto commercio, classifican-
do-o já de agiota e egoista,
explorador e insaciavel!

E, em verdade, que si-
gnifica esta alta de preços
em todos os generos de con-
sumo esfolando o povo, ain-
da mais do que o descar-
nam as garras medonhas
do fisco, que está sendo
uma féra terrivel?

Pois essas fazendas que
ahi são agora postas a *retalho*
ao consumidor não esta-
vam armazenadas quando
se accentuou a crise? E pa-
ra que vem agora o alto
commercio exigir mais 20 %
sobre essas fazendas obri-
gando o pobre povo, ou a
morrer á fome, ou a largar
o ultimo retalho de pelle,
que lhe resta sobre os des-
carnados ossos?

Digamos francamente:—
isto não póde ser!

Começaram de offerecer
agio graúdo pelas libras, e
querem que o povo pague
esse agio com usura!

A triste situação em que
nos achamos é infelizmen-
te do dominio de todos. Nós
vamos de mal a peor. Nem
valem as finuras, nem as
aptidões, nem as competên-
cias, nem o trabalho atura-
do do sr. Marianno de Car-
valho; não vale a *collição*
hybrida, que formou o ac-
tual ministerio, e que, aqui
ha dous annos, parecia im-

possivel, mas que, depois
de facto consumado, nada
faz, nada póde e nada tem
feito senão *governichar*, ser-
vindo-nos da phrase do sr.
bispo de Bethsaida.

Ora este *governichar* con-
tinua e continuará affoita e
desassombradamente. Será,
que isto não tenha perigo, e
perigo fatal? Deus o quei-
ra!

PRELADO DE MOÇAMBIQUE

Na terça-feira passada, no
comboio do correio, chegou a
esta villa, vindo de Sernache do
Bomjardim, de visita á sua fre-
guesia natal, o exm.º e revm.º
sr. D. Antonio José de Sousa
Barroso, bispo titular de Heme-
ria e Prelado de Moçambique.
Vinha sua ex.ª acompanhado
dos revd.ºs srs. Moñs. Laureano
de Serpa e padre Sebastião Braz,
co-óbreiros de sua ex.ª na faina
de civilisar o indigena africano, e
todos filhos do Collegio das Mis-
sões.

Sua ex.ª ao descer da carroa-
gem, foi entusiasticamente re-
cebido pelos numerosos amigos
que alli o esperavam para lhe
dar uma prova de quanto o es-
timam e de quão merecida lhe
foi a alta dignidade a que ha
pouco fora elevado; todos á por-
fia queriam beijar-lhe o anel
pastoral, ao que sua ex.ª acce-
dia constringidissimo, porque
não lhe permittia sua modestia
ver na sua frente em attitude
humilde e supplicante amigos,
a que cordialmente desejava
abraçar e agradecer uma prova
tão inequivoca, quão espontanea,
pois que era vontade de sua ex.ª
passar incognito e furtar-se a
quaesquer manifestações de re-
gosiço.

Verdade é que sua ex.ª não
tinha feito *gemer os fios* annun-
ciando sua chegada, nem tão
pouco encarregado seus aulicos
para que *antecipadissimamente*
fizessém correr a noticia de que
em certo dia e a determinadas
horas chegaria a esta villa o he-
nemerito ex-superior da missão
catholica de S. Salvador do Con-
go, ultimamente galardoado pela
Santa Sé Apostolica com a di-
gnidade episcopal, nem ainda ti-
nha mandado fazer convites para
uma recepção *estrandosa*. Ape-
nas os habitantes da sua fre-
guesia natal no dia 30 do mez
passado fizeram espalhar profu-
samente uns annuncios avulsos
n'esta villa em que diziam que
sua ex.ª chegaria aqui no dia 4
do corrente, mas nem sequer
marcavam a hora, porque o não
sabiam. Apesar, porém, de tão
insuficientes promenores, tive-

mos o prazer de ver a gare da
estação de Barcellos plenamente
cheia de admiradores das suas
virtudes e qualidades que tão
distincto o tem feito e que eram
outros tantos amigos com que
sua ex.ª póde contar. Mas no
momento de tanta satisfação para
todos os que alli estavam, havia
um murmurio de descontenta-
mento, aliásmente fundado, e
motivado pela ausencia da clas-
se clerical, porque á chegada do
comboio apenas alli estavam o
revd.º Parocho de Remelhe e o
revd.º padre José Maria do Ro-
zario Villas Boas. Acaso n'esta
classe, de que sua ex.ª é dignis-
simo membro, contará como ami-
gos e admiradores apenas aquel-
les dous ecclesiasticos? Não nos
parece crível. A causa de uma
ausencia tão sensível foi ou-
tra... Sua ex.ª não é politico,
na sua diocese não tem pingues
beneficios, nem tão pouco é, nem
quer ser senhor de uma pasta
ministerial da qual dependem
arranjos, que estimulem a um
pequeno sacrificio, como seria o
de ir esperal-o á estação do cami-
nho de ferro. E' bem de ver
que n'esta censura não podemos
incluir o clero que vive longe
d'esta villa, nem esse era o pen-
sar dos que alli estranhavam tão
insolito procedimento, mas esta-
mos plenamente convencidos de
que a ella se não póde eximir o
clero válido d'esta villa, por isso
só temos a dizer—*Qui potest*
capere capiat.

D'esta villa foi sua ex.ª acom-
panhado por quasi todos os que
o esperavam, sendo conduzidos
em carros, até á freguezia de
Remelhe onde sua ex.ª conferiu
o Sacramento da Confirmação a
numerosos fieis, para isso prepa-
rados, no dia 7, praticando o
mesmo acto no dia 8 na fre-
guesia de Goios.

Receba sua ex.ª os cum-
primentos sinceros e cordeaes dos
membros d'esta redacção e do
seu pessoal typographico, porque
todos elles vêem em sua ex.ª o
amigo, o patriota e o *vir fortis*
et prudens, successor digno dos
Apostolos e tão necessario nas
tristes condições em que este po-
bre e misero reino se encontra,
porque se sua ex.ª e seus dignos
co-operadores lá nas longinquas
paragens d'além mar não con-
seguiem firmar de novo o nome
e dominio portuguez, de nada
valerão contractos e convenios
discutidos e assignados em cima
de um panno verde de qualquer
mesa de congresso, que os di-
plomatissimos homens d'estado
se lembrem elaborar. Se os bis-
pos e presbyteros missionarios
não levarem o negro a respeitar-
nos pela força da persuasão, de
na davalerão todos os apparatus

bellicos e *civilisadores* que qual-
quer ministro se lembre de fa-
zer transportar ao continente
africano ou asiatico. Se os mis-
sionarios portuguezes pela excel-
lencia da doutrina catholica, não
reduzirem á obediencia o indo-
lente, mas indomavel negro, po-
demos afoitamente dizer com o
Marquez de Pombal: Portugal
vai a vella, mas em breve tocará
nos recifes, que serão a causa da
sua morte.

SCIENCIAS E LETTRAS

O BANHO MOURISCO EM ARGEL

Das seis horas da tarde até o
meio dia, o banho mourisco é
reservado ao sexo forte. Os eu-
ropeus vão lá ordinariamente
antes do jantar, ou das onze ho-
ras á meia noite. Apesar de alli
se poder ir impunemente logo em
seguida ás refeições, é preferivel
não experimentar a massagem
senão depois de feita a digestão.

Todos as cidades de Argel
possuem varios estabelecimen-
tos de banhos. Nos paizes quen-
tes é isto uma necessidade e ao
mesmo tempo um prazer. Exi-
ge-o a hygiene; e ainda mesmo
que o viajante alli não fosse
mandado pelo medico, lá seria
levado pela curiosidade, e at-
trahido de novo pelo bem estar,
variedade e doçura das sensa-
ções que n'elle se experimentam.

O banho mourisco, cuja mas-
sagem excitante limpa comple-
tamente a pelle, deve ser pre-
ferido aos banhos tepidos, que
são debilitantes. E' elle formado
por uma serie de operações, que
vamos tentar descrever.

Depois de ter passado um ves-
tibulo onde alguns Arabes dor-
mitam, levanta-se uma cortina e
penetra-se n'um vasto salão. E'
ao mesmo tempo a vestiaria e o
dormitorio.

Uma lampada fumarenta allu-
mia com seus vagos e vacillan-
tes lampejos as columnas de
marmore branco, os espelhos de
Veneza, a fonte cujo suave mur-
murio convida ao repouso. Ao
entrar, surprehende-nos a obscu-
ridade; não se vê cousa alguma,
depressa nos habituamos, po-
rém, a esta meia obscuridade,
este claro escuro, e não tarda-
mos a distinguir as particulari-
dades, e a descobrir na penum-
bra das galerias os dorminhocos
mollemente acocorados e envol-
tos em longos veus brancos.

Indolentemente encostado a
uma ruma de almofadas, o che-
fe do estabelecimento faz signal
ao recém-chegado para elle se
approximar, e pede-lhe o seu
dinheiro e joias, que, depois de
verificadas, elle fecha n'um co-

fre de carredija de que só elle tem a chave. A proibidade d'estes fiomens é proverbial: nunca se perdeu ou roubou um objecto de qualquer valor.

Tomada esta precaução, um arabe ou um preto semi-nu levam-nos ao lugar que devemos occupar, faz-nos despir, dispõe o vestuario sobre uma taboa, e unge-nos os rins com um panno de algodão, põe-nos na cabeça um touro nos pes sandalias, introduzindo-nos na sala de banho, roçando ligeada de ardósia e marmore, aonde boccas de vapor entretém constantemente uma temperatura mais do que senegalesense. A primeira impressão não é favoravel. O calor é tão sufocante, o vapor tão aspero, que hesitamos em entrar. Mas o guia arrasta-vos, e faz-vos sentar sobre o chão ardente, depois de previamente lavado com abundante agua repetidas vezes.

Lançai então os olhos em volta.

Por todos os lados descobriam corpos estendidos pelo chão, e junto d'elles, agitando-se e sapateando, as mais variadas attitudões, os criados indigenas vestidos com uma simples tunica. Dir-se-ia uma legião de demónios, com as cabeças rapadas, pelles bruzidas, dentes brancos e olhos brilhantes.

Trabalham com ardor, friccionam, limpam, machucam os membros, fazem estalar as articulações dos banhistas; e n'estes movimentos desordenados, a mecha de cabelos, que elles trazem na cabeça, agita-se como uma serpente. E que tumulto sob as abobadas sombrias, que extravagantes canticos, que agudos gritos! Era capaz, tudo aquillo, de metter medo, se não se soubesse estarmos em paiz seguro, em terra franceza.

Mas sues em grossas bicas, estaes litteralmente alagado. E' a vossa vez agora. Dois, tres, quatro arabes apoderam-se de vós, estendem-vos bruscamente, e põem-se a friccionar-vos, a almofaçar-vos com as suas luvas de camurça, a massar-vos, a puxar-vos braços e pernas como se vol-os quizessem arrancar. Já não estaes sem inquietação a respeito da integridade dos vossos ossos. Socegae: Tão bem como o mais habil physiologista, elles conhecem o momento preciso, o limite certo em que termina o prazer, em que começa o soffrimento, e sabem parar a tempo. Quando elles têm já bem machucado, virado, revirado, desarticulado, tomam um punhado de estopa e inundam-vos d'agua tepida. Agrada-vel transição e sensação deliciosa que é esta benefica lavagem, depois das fricções quasi brutaes de que acabaeis de ser objecto!

Bem limpo e bem enxuto, enfaixam-vos como um hébé, e transportam-vos sem abalo para a primeira sala, para um leito de descanso, por baixo da taboa que sustenta a vossa roupa. Allí, voluptuosamente estendido, assistis por vosso turno ao desfilar dos que vão chegando. Trazem-vos uma chavena de café cu de chá, e um comprido cachimbo fornecido de fino tabaco de Chebli. Dentro em pouco o

cansago do banho, a meia obscuridade do recinto, os perfumes de beijoim de que estão impregnados os lençoes, actuam suavemente em vós; tornam-se pesadas as vossas palpebras: o tubo do cachimbo escapa-se-vos dos labios. Recomeça-se, mas mais frouxamente, a massagem da estufa. E é com o bem-estar infinito de uma criança embalada pela mãe que vós passaeis successivamente do repouso ao abatimento e do abatimento ao sono.

Quando se acorda, senticções nos mais ligeiros, mais ageis e alegres; experimenta-se um bem-estar indefinível, e é com prazer e com a esperanza de uma proxima repetição que se entrega ao chefe da estufa os trinta soldos (270 reis) que elle pede pelos seus cuidados diligentes e pela sua attenciosa hospitalidade. (Do Boletim de Pharmacia)

ISTORIA DOS PHAROS.

Acaba de ser publicado em Paris um curioso trabalho de mr. Allard, antigo director do serviço de iluminação das costas de França. Essa obra intitulada-se *Historia dos pharoes* e occupa-se d'esse interessante assumpto, a partir da mais remota antiguidade.

Antes de citarmos alguns pormenores d'esse livro, diremos que a historia não sabe nem saberá nunca quem foi o destemido navegante que, de primeiro, ousou aventurar-se em um fragil lenho nas verdes ondas do mar, em conquista do oceano; assim como nunca saberá a mão que accendeu o primeiro pharol para avisar os arrojados exploradores de longes terras, que se viram muitas vezes obrigados de, no retorno, fundear pela noite.

Mas, apesar de que a historia da Grecia antiga, bem como a maior parte das laçanhas cantadas por Homero não sejam mais do que um longo rosario de fabulas mythologicas, forçoso é dar algum credito á allusão que a esses signaes luminosos faz o auctor da *Illinda* no canto XIX d'aquella obra:

.....ou como a chamma que arde elevada em solitario monte Para guia dos nautas que a procela Dos amigos a lousa em mar piscoso.

Esses signaes eram fogueiras accesas durante a noite, nos lugares elevados, afim de guiarem os navios.

Só mais tarde se construíram torres perto de certas passagens perigosas, principalmente na embocadura dos rios, no cume das quaes se collocava um signal luminoso.

A mais antiga d'essas torres de que faz menção a historia é a da ilha de Pharos, em Alexandria, de que se tirou a palavra *pharol*.

Essa torre foi construida 300 annos antes de Christo e não se sabe ao certo a sua altura.

Edrisi, geographo arabe do seculo XVII, dá-lhe 110 metros e diz que o seu pharol estava acceso de noite e de dia.

A' noite os navegantes viam-no como uma estrella, e de dia percebiam-lhe a fumaça.

Além do pharol de Alexandria existem outros em Sigéa, na estrada do Hellesponto e em Timéa, na entrada do Ponto Euxino.

Citam-se mais: na Italia os pharoes de Ravenna, de Ostia, de Pouzolles, onde desembarcou S. Paulo; na Hespanha o de Cognac, etc.

Na Gallia nota-se a celebre torre da Ordem de Boulogne, construida por Catigula, e restaurada por Carlos Magno.

Essa torre desabou pelo meado do seculo XVII.

Em França cita-se o pharol de Cordouan como um dos mais antigos d'aquelle paiz. Este pharol fica situado na embocadura do rio Gironda, em uma ilha de que elle tira o nome.

A sua construcção é attribuida a Luiz Debonnaire.

No alto da torre d'esse pharol soava outr'ora uma trombeta que avisava dos perigos aos navegantes.

DIA A DIA

Fazem annos:

Hoje—o sr. João Placido da Fonseca e Sousa.

Amanhã, a exm.ª sr.ª D. Maria Rosa de Jesus Lima e os srs. Luiz Maria da Costa Almeida Ferraz e Joaquim Vinagre.

Terça-feira—a menina Eugénia Furtado d'Antas e o sr. Manoel Guimarães.

Quarta-feira—o sr. Manoel José Pinto Rosa.

Quinta-feira—a exm.ª sr.ª D. Izabel Vallado e a menina Virginia de Sá Carneiro.

Sexta-feira—o sr. Antonio Luiz Pereira de Carvalho.

Sabbado—a exm.ª sr.ª D. Rosa Furtado Allão e o sr. Joaquim d'Assumpção Ferreira Valle.

De passagem para a Apulia esteve n'esta villa o sr. Antonio Luiz da Costa Pereira de Vilhena, vice-consul do Brazil em Braga, e exm.ª familia.

Partiram para a Apulia os srs. Manoel Luiz de Miranda e exm.ª familia, e José Palmeira de Vasconcellos.

Esteve com pequena demora n'esta villa o sr. José Candido Marques d'Azevedo e exm.ª esposa.

Está entre nós o sr. dr. Manoel Gomes Duarte Pereira Coentro.

Retiraram-se d'esta villa a exm.ª sr.ª D. Elisa Rodrigues de Loureiro e Castro e os srs. dr. Luiz Osorio e Polycarpo d'Araujo d'Azevedo da Gama.

Partiu para a Povoia do Varzim o sr. dr. Miguel Pereira da Silva e exm.ª familia.

Partiu para o Rio de Janeiro o sr. Joaquim Soucasaus.

Estão atacados de influenza o sr. dr. Joaquim Gualberto de Sá Carneiro, exm.ª esposa e duas

filhas, e o sr. conego João Baptista da Silva e exm.ª mana.

Chegou de Braga o sr. Antonio Azevedo da Silveira.

JOSÉ JULIO VIEIRA RAMOS
ADVOCADO.

86—RUA DIREITA—86.

PELA SEMANA

Sem titulo.—Não é materia nova para os nossos collegas, seja qual for a politica em que militem, que tivemos sempre em vista a decencia da phrase, e nunca a gloria baixa e reles dos frequentadores d'alcoice, por onde se aquilata os sentimentos das pessoas de que a maior gloria é o improperio.

Ha cousas que, embora se digam todos os dias, nunca são demasiadas. Por isso repetimos, o que por muitas vezes temos dito—só responderemos a quem se nos apresentar de camisa lavada.

Aes que se sujam na lama dos bordais, seja qual for a sua condição social, o nosso desprezo. Nunca fizemos, nem queremos fazer camaradagem com os *immaculados*, porque não queremos sujar a sola das nossas botas no seu vomito asqueroso e pestilento.

Festividade.—Em Goios tem hoje lugar a festividade da Santa Cruz, sendo a missa celebrada pelo rev.º prelado de Moçambique, assistindo tambem o sr. bispo de Cochim.

No arraial tocam tres bandas de musica—Barcellense, Riba d'Ave e a dos Conceiçoes.

Espera-se grande concorrência. Consta-nos que foram manifestadas na repartição de fazenda mais de 20 pipas de vinho para este arraial.

Dupla devoção a da Santa Cruz e de S. Martinho, que n'estas cousas faz sempre parceria.

Pic-nics.—Estamos em maré cheia de *pic-nics*. E' raro o dia que algumas familias, ou alguns dos nossos rapazes não façam o seu jantar ou a sua merenda, terminando, em geral, por umas formosas serenatas de suaves e harmoniosos trechos, tocados com tanto sentimento, cuja expressão decerto só é verdadeiramente comprehendida pelos corações feridos por essas notas, tornadas mensageiras d'outras tantas palavras d'amor jurado eterno.....

Bons tempos são estes os da juventude!

Manteiga nacional.—Tambem já em Barcellos temos a venda a magnifica manteiga, fabricada em Paredes de Coura.

Encontra-se no estabelecimento do sr. Sebastião d'Oliveira, Campo da Feira, como se vê do annuncio que publicamos na secção competente.

A crise monetaria.—Apareceu a moeda franceza—o franco—a que o nosso governo deu curso legal no valor de 200 reis, e que o agiota já compra com 50 reis d'agio.

A não ser a malevola intenção do agiota em agravar a crise, dificultando todas as operações effectuadas pelo governo, não se comprehende porque se pagam os francos com meio tostão d'agio, depois de ter o governo publicado um decreto prohibindo a exportação de prata nacional ou estrangeira.

Emfim, quem agora manda em Portugal, até que o povo se resolva fazer justiça pelas proprias mãos, e o agiota e não o governo, e como o que tem de ser, tem muita força, é tempo do povo começar a *premiar* a agiotagem, já que o governo não tem força para isso.

E' dar-lhes a valer, e deixal-os queixal-os que elles curarão-se-lhão.

Fallecimento.—Na terça-feira fomos surpreendidos com a triste nova da morte do exm.º sr. Diogo Annes de Magalhães Villas Boas! Já não é do numero dos vivos aquelle nosso amigo o pranteamos hoje seu passamento. A sua exm.ª familia enviamos do coração o nosso sentido pesar.

Diogo de Magalhães Villas Boas, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, nascido em 1815; contava apenas 76 annos. A sua vida foi sempre uma prova do seu impolluto caracter, não se bandeando nunca com os que suppoz seus inimigos politicos, nem mesmo para obter collocações rendosas, o que poderia ter feito se a sua mira fosse conseguir riquezas, por isso morreu pobre, vivendo sempre acostado á sca. familia, que o tratava como pae.

Em 1846, por occasião da revolução contra o ministerio cabralista, alistou-se no batalhão de Barcellos, onde teve a patente de tenente, em favor da junta do Porto, presidido pelo Conde das Antas, e era presente ao cerco de Valença, quando as tropas hespanholas vieram secundar e defender os adeptos de Costa Cabral, tomando parte na acção de Seixas. Com a convenção do Gramido deixou a vida militar e seguiu a magistratura, obtendo um lugar de delegado na comarca do Porto, sendo depois nomeado Secretario Geral de Coimbra. Neste lugar foi sempre de um proceder recto, merecendo os encomios dos contrarios, porque não o seduziam as bajulações e o interesse. Militando sempre politicamente ao lado do seu amigo Anselmo José Braamcamp, foi-lhe de uma dedicacão a toda a prova, acompanhando-o sempre nas varias phases porque aquelle estadista passára. Com o pacto da Granja sellou a sua iniciação no partido progressista, e apesar de ser instado para Governador Civil d'Angra, quando fez ultimamente parte d'um ministerio o conselheiro Barjona de Freitas, seu amigo particular e reconhecido, não quiz aceitar esse lugar que seria o inicio de sua independencia docil, foi progressista e progressista morreu.

Foi vereador e vice-presidente da camara de Barcellos e por varias vezes procurador á Junta Geral em Braga.

Fôra do campo politico não contava senão amigos, que o eram todos que o tratavam, encontrando-o sempre disposto a servir a todos com o melhor agrado e boa vontade.

Tendo qual dades altamente apreciaveis, foi muitas vezes esquecido pelos seus na distribuição de bons benesses, porque o partido progressista teve sempre o fraco de se lembrar pouco dos seus melhores e mais firmes aliados, mas por isso mesmo mais merecimentos adquiriu com sua inalteravel firmeza de ideias politicas.

Henremos, pois, a sua memoria com o reconhecimento e gratidão do partido d'esta villa, de que elle fôra por muitos annos o digno chefe.

Paz á sua alma.

Praia d'Apulia.—No dia 4 começou o serviço telegraphico n'aquella praia.

No dia 12 abre-se o Hotel Barcellense, tendo annexo um café com bilhares e um sortido completo de bebidas e refrigerantes.

No dia 13 tambem abre o conhecido Hotel da Capasoria. Parece, pois, que tudo se está dispondo para ali se passar uma esplendida epocha balnear.

A Actualidade.—Suspendeu a sua publicação este nosso collega portuense.

O azulho.—Começou a publicar-se n'esta villa um novo semanario, que se annuncia independente, e é edição do sr. Marees Emilio Candido de Carvalho.

A limpeza da villa.—A exm.^a camara municipal d'este concelho pedimos providencias sobre a maneira como se faz a limpeza da rua de Barjona de Freitas e praça de D. Pedro V.

Queixam-se os transuentes e queixam-se os proprietarios dos estabelecimentos d'alli, que além do incommodo que soffrem respirando uma atmosphera de pó, são prejudicados nas suas fazendas.

Dizem-nos que a rua e praça são varridas poucas vezes, e quando o são é em pleno dia e sem haver a rega previa, que tão bons serviços presta.

Nada mais facil para a exm.^a camara do que attender a esta justa reclamação, e para isso basta ordenar ao encarregado da limpeza que esta se faça de noite e fazendo a irrigação precisa, para o que não lhe falta agua no tanque collocado no centro da praça.

Os srs. vereadores que, na maior parte, são negociantes, devem ter sobejas occasiões para bem avaliar do nosso justo pedido, e por isso esperamos não ser precisa a repetição.

DECLARAÇÃO

Avelino Ayres Duarte declara que, por motivos particulares, resolveu declinar de si perante os proprietarios e redactores do semanario d'esta villa «O Commercio de Barcellos» os honrosos cargos de collaborador e administrador do mesmo jornal.

Agradece as provas de deferencia que sempre recebeu.

Barcellos, 8 d'agosto de 1891.

AO PUBLICO

A direcção da Associação Commercial de Barcellos resolveu auxiliar os pagamentos aos operarios, promovendo a troca de notas por metal, e para esse fim pediu e já obteve do exm.^o sr. gover-

FOLHETIM

M. PINHEIRO CHAGAS

OS GUERRILHEIROS DA MORTE

XII

Uma opera de Marcos Portugal

(CONTINUADO DO N.º 74)

Jayme teve um repellido de colera ao ver a sem-cerimonia com que a officialidade britannica insultava o povo portuguez, sem-cerimonia que o proprio sir Arthur Wellesley teve de cohibir e de reprehender severamente n'uma ordem do dia. O seu primeiro impulso foi o de se atirar ao tablado, e prostrar com dois socos o insolente britannico. A reflexão n'o-trou-lhe a impudencia e o absurdo d'esse esforço, e entendeu que o melhor era ir esperar M. Sorrystone á porta do palco, e pedir-lhe em regra uma satisfação para quando tivesse a sua cabeça septentrional menos carregada com os fumos do vinho do Porto.

Quando, saindo da platêa, entrava no salão deu de rosto com uma senhora que descia dos camarotes, dando o braço a um homem ainda moço e vestindo com elegancia á paizana. Jayme desviou-se para os deixar passar. A senhora levava o rosto coberto com um espesso véo; mas, ao abrir-se a

nador civil a troca d'algumas notas.

Como, porém, não pode esperar-se tudo dos poderes superiores, resolveu tambem a mesma direcção pedir a todos os habitantes de Barcellos e Barcellinhos que a acompanhem n'esta crusada, que a todos aproveitará.

Este pedido não é feito pessoalmente, por ser difficil á direcção dirigir-se a todos, como devia e desejava.

As pessoas que se collocarem ao lado da Associação Commercial, podem mandar receber notas, em troca de qualquer metal de que possam dispôr, na casa do abaixo assignado, que por si e em nome da Associação agradece tão importante favor.

Barcellos, 23 de julho de 1891.

O presidente,

João Antonio da Costa Guimarães.

ANNUNCIOS

**REGIMENTO D'INFANTERIA N.º 20
2.º BATALHÃO**

O conselho eventual faz publico, que no dia 23 do corrente, pelas 11 horas da manhã, se hade proceder, no respectivo aquartelamento, ás seguintes arrematações:

1.º O fornecimento de todos os generos alimenticios e combustivel necessarios para serem consumidos no rancho geral e dos officiaes inferiores d'este batalhão;

2.º O fornecimento de rações de ferragens para o cavallo e praça do major commandante do mesmo batalhão.

As arrematações são pelo periodo d'un anno, a começar em 1.º d'outubro do corrente anno, até 30 de setembro de 1892.

Os arrematantes são obrigados a fornecer não só as praças

d'este batalhão, mas qualquer outra força ou forças que transitem ou venham estacionarem n'esta localidade.

Os concorrentes a estas arrematações apresentarão, antes da abertura da praça, as suas propostas, em carta fechada, por elles assignadas e pelos seus fiadores idoneos, declarando os preços por que se obrigam a fornecer cada kilogramma ou litro dos generos e combustivel a arrematar e bem assim cada ração de ferragem.

Como caução a estes contractos serão as mesmas propostas acompanhadas dos depositos provisorios de 30.000 reis para o primeiro e de 10.000 reis para o segundo.

Estes depositos, depois da approvação dos contractos definitivos, serão substituidos por outros calculados na razão de 10 % sobre a importancia do fornecimento a fazer.

As condições para estas arrematações acham-se patentes na secretaria do batalhão, desde as 9 horas da manhã ás 2 da tarde.

Quartel em Barcellos, 7 d'agosto de 1891.

O secretario do conselho eventual,

Antonio Emilio de Quadros Flores. (136)

Cap.º d'inf.º n.º 20.

AGRADECIMENTO

GRATISSIMO a todas as pessoas que se dignaram obsequiar-me com as mais inequivocas provas de apreço e estima por occasião da pertinaz doença que me affligiu, e, com quanto ainda convalescente; apresso-me a manifestar publicamente os protestos da minha eterna gratidão por tantos obsequios recebidos.

Barcellos, 2 d'agosto de 1891.

João Antonio da Costa Guimarães. (134)

ARREMATACAO

No dia 23 d'agosto, por 11 horas da manhã, no tribunal judicial d'esta comarca, tem de entrar em arrematação os bens penhorados ao executado Joaquim Alves Martins, de Macieira, na execução que lhe move o Banco de Barcellos, e são:

Raiz alludial.

Uma bouça de matto e pinheiros, no lugar de Modeste, limites de Rates, avaliada em 144.000 reis.

Bens de praso ao convento de Bairão.

Uma morada de casas torres e pertendas e junto eirado de lavradio no lugar de Modeste, avaliada em 856.360 reis. Campo do Cortelho de lavradio no mesmo lugar, avaliado em 61.400 reis. Campo da bouça da Costa, de lavradio, no mesmo lugar, avaliada em reis 842.360. Campo do Moinho, de lavradio, no mesmo lugar, avaliado em 1.468.500 reis. Campo da Manguella, de lavradio, no mesmo lugar, avaliado em 712.560 reis. Campo do Cachigo, de lavradio, no mesmo lugar, avaliado em 123.120 rs. Bouça da Outra Banda, de matto e pinheiros, avaliada em 31.500 reis.

São todas situadas em Macieira. Somma o valor das propriedades 4.694.300 reis, mas abatido o foro de 65.150 m. de trigo que pagam ao convento de Bairão, e o laudemio da quarentena, fica liquido 4.524.488 reis.

Por este são citados todos os credores do executado para assistirem á arrematação e mais termos do processo.

Barcellos, 30 de julho de 1891.

Verifiquei a exactidão,
O juiz de direito,
Adelino da Motta.

O escriptão ajudante,
Francisco d'Assis Marques d'Azavedo. (132)

**MANTEIGA DE PURO LEITE
FABRICADA EM
PAREDES DE COURA**

Vende-se UNICAMENTE no estabelecimento de mercearia do sr. Sebastião d'Oliveira—Campo da Feira. (135)

ALUGA-SE

Na rua Direita d'esta villa, uma casa em magnificas condições para commercio, ou ainda para particulares.

Fallar com o dr. Antonio Martins de Sousa Lima. (129)

A TODAS AS SENHORAS DO PAIZ

NOVO METHODO DE CÔRTE

E maneira de qualquer senhora confeccionar por suas proprias mãos todos os seus vestuarios.

244 gravuras illucidativas sobre medidas, côrte, etc.

Obra indispensavel em todas as familias.

Appello aos chefes de familia. Economia domestica e moralidade pelo trabalho.

Um bello volume, illustrado, 700 reis.

Remette-se para todos os pontos do paiz, mediante vale do correio, ou sellos postaes.

Livraria Portuense de Lopes e C.ª editores.—Rua do Almada 419 a 423—Porto.

Vende-se em todas as livrarias do paiz.

Em Barcellos, no estabelecimento do sr. Joaquim José d'Azavedo, Campo da Feira, 93.

BREVE NOTICIA

SOBRE

a cultura da beterraba e seu aproveitamento no fabrico de assucar, por J. Torres.

Preço 30 reis.

A venda em Barcellos, em casa do sr. Manoel Vianna, rua Direita.

porta. o vento da noite levantou as pregas do crepe, e Jayme soltou um grito. As feições d'essa senhora eram a perfeita copia das feições de Magdalena.

A impressão foi tão forte que Jayme não reflectiu, e julgando ver deante de si a sua noiva bradou: «Magdalena!»

A phantasia de Jayme, sobreexcitada por tão estranha similhaça, fê-o suppor que vira a senhora desconhecida estremecer, ouvindo a sua voz. Se Jayme se não enganou, foi esse o unico signal que a senhora deu de que sentira tão perto de si o som de uma voz humana. Sem se voltar sequer, e dando sempre o braço ao cavalleiro que a acompanhava, sumiu-se na sombra do largo.

Jayme esteve um tempo immovel; depois cedendo a um impeto irresistivel, correu atraz do elegante par. Nem já pensava no tenente Sorrystone. Entrando no largo Jayme não viu pessoa alguma.

Chegou á bocca de todas as ruas, que ali desembocam; as ruas estavam desertas. Como desaparecera tão depressa o par desconhecido? Jayme, na incerteza do caminho a seguir, correu a bom correr na direcção do Chiado. Se os não visse ali, tomaria pelas outras ruas. Chegando ao pé da igreja dos Martyres, o viu para ambos os lados, e não viu se não uma patrulha de cavallaria da guarda da policia. Desesperado voltou para traz, e,

com supremo espanto, divison ao longe, á escassa luz dos candieiros estabelecidos pelo intendente Pina Manique, dois vultos que já desciam a rua do Ferregial, que vira momentos antes deserta. Seriam elles? Impossivel; só se tivessem esperade escondidos n'um recanto da arcada que elle passasse, para sairem depois, e tomarem exactamente na direcção opposta á que elle seguira. Mas, para acreditar semelhante coisa, era necessario suppor, que elles sabiam que eram seguidos, e que tinham razões para evitarem a pessoa que os seguia. Mas elles nem haviam dado signal de terem reparado em Jayme! Em todo o caso, este seguiu em direcção á rua do Ferregial, e, ainda que elles caminhavam com rapidez incomprehensivel, ganhou-lhes avanço. Quando se aproximou um pouco pôde reconhecer a figura elegante e um pouco militar do desconhecido, e as formas esbeltas da gentil senhora. Devia de ser assim Magdalena, se trocasse pelo traje secular os seus longos habitos de monja. Um estranho sentimento pungia o coração de Jayme. Quem seria aquella senhora? Como se explicava tão estranha semilhaça! O nosso heroe corria a bom correr, e estava os quasi apanhando, quando chegaram ao largo do Corpo Santo.

Elles sentiam-n'o proximo, e, sem correrem parecia que resvalavam na descida, como os patinadores no gelo, ou como dois phantasmas de lendas allemãs. Por momentos, Jayme sentiu despertar-lhe no espirito as superstições da infancia, que a leitura do *Diccionario philosophico* afugentara. E' que a aventura tinha um sabor estranho que deixava o espirito perder-se em mil conjecturas. O destino mysterioso de Magdalena, a apparição subita d'esta mulher que era a sua viva imagem, mas em circumstancias que tornaram completamente impossivel ou pelo menos quasi inacreditavel a identidade, tudo isto entontecia Jayme, e fazia-o suppor que era victima de um pesadelo atroz.

Entrado no largo do Corpo Santo, viu-se Jayme obrigado a afrouxar a carreira. No largo de S. Paulo e no Terreiro do Paço, estavam tropas francezas, e portanto na rua do Arsenal rondava um grande numero de patrulhas da guarda da policia. Um homem a correr despertava suspeitas, era preso ou pelo menos demorado, e lá perdia Jayme o rasto dos dois desconhecidos.

Determinou-se portanto a seguir-os a pouca distancia, alargando o passo quanto pôde, mas affectando os modos de um homem que recolhe tranquillamente para sua casa. Os dois espectadores do theatro lyrico enfiaram pela rua do Arsenal, largo do Pelourinho, e seguiram direitos ao Terreiro do Paço, Jayme seguiu-os com supremo

espanto; iam metter-se no acampamento francez! Não tardaram effectivamente a encontrar uma sentinella que bradou: — *Qui vive?*

O desconhecido respondeu-lhe algumas palavras em voz baixa, e a sentinella deixou-o passar.

E' francez, murmurou Jayme estupefacto; e ella?

Sem attender a coisa alguma, o nosso heroe não pensou senão encontrar a palavra d'este enigma que o vinha torturando. Quiz continuar a seguir-os, mas o *Qui vive?* da sentinella fê-o parar um instante.

— *Ami*, respondeu Jayme, fiando-se no seu conhecimento da lingua franceza e continuando a caminhar.

— *Qui vive?* tornou a sentinella com uma voz que revelava muito mau humor, e levando a espingarda á posição de preparar.

— *Je veux parler á votre officier* respondeu Jayme.

— *Qui vive?* tornou a sentinella implacavel e apontando a arma.

— *Mais...* ia a dizer Jayme. O soldado não lhe deu tempo. — *Allez au diable*, resmungou elle, e, sem mais contemplações disparou.

Jayme soltou um suspiro e caiu. A bala ferira-o em pleno peito. Ao som do tiro correram algumas patrulhas de cavallaria.

(Continua)

GRANDE DICCIONARIO DE LAROUSSE

A MAIOR E MAIS COMPLETA ENCYCLOPEDIA
17 Volumes 4º encadernados

Um VOLUME POR MEZ LISBOA 6500 REIS (pago à entrega) Um VOLUME POR MEZ PROVINCIA 6800 REIS (pagamento adiantado)

DIRIGIR OS PEDIDOS A
GUILLARD, AILLAUD & C^{IA}
242, rua Aurea, 1º — LISBOA

O COMMERCIO DE BARCELLOS, E IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSE ALVES DO VALLE, CAMPO DE S. JOSE, — BARCELLOS. E' seu editor o sr. Joaquim Maciel, de Roriz.

MAPPA DE PORTUGAL

Com a rede completa dos CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES, pelo Capitão d'estado maior de artilheria **ALBERTO MONTEIRO** engenheiro em serviço no Ministerio das Obras Publicas. Contendo tambem a extensão kilometrica de cada linha quer em exploração quer em construção.
1 folha de 0,86m x 0,65m na escala de 1/850:000 200 reis, envernizado, collado em panno e com reguas 1:000 REIS
CORTADO COLLADO EM PANNO em forma de carteira em um estojo de cartão **1:000 reis.**
O MESMO MAPPA circundado com 22 vistas, em phototypia, de Lisboa, Belem, Cintra, Mafra, Batalha, Alcobaga, Thomar, Coimbra, Bussaco, Porto e Braga e as **bandeiras de todos os paizes.**
1 folha de 1,70m x 0,90m = 400 reis.
ENVERNIZADO COLLADO EM PANNO e com reguas **1:500 REIS.**
O mappa com as vistas só pode ser remetido pelo caminho de ferro accrescendo a despeza de 160 reis para as linhas do Norte e Leste, e Sul e Sueste, e de 220 reis para todas as outras.
A' venda em todas as livrarias do paiz e na casa editora **GUILLARD, AILLAUD & C.^a**
242, Rua Aurea, 1.º, Lisboa.

E' nosso correspondente n'esta villa o sr. Antonio José Alves do Valle—Campo de S. José.

COLLEGIO

JOÃO DE DEUS

DIRECTOR E PROPRIETARIO

MANOEL JOSÉ NUNES PEREIRA

DIRECTOR ESPIRITUAL

PADRE JOÃO FERNANDES

Admittem-se n'este Collegio alumnos internos, semi-internos externos, habilitando-se para os cursos geral de sciencias e letras.

CORPO DOCENTE

Instrucção primaria e Francez Manuel José Nunes Pereira	Physica e chimica (1.ª parte) Antonio Gonçalves da Cruz
Portuguez (1.ª parte) Plácido E. Barbosa Lamella	Mathematica (2.ª parte) Dr. Gregorio P. C. da Fonseca
Inglez Dr. A. Martins de Souza Lima	Physica (2.ª parte) Dr. A. Miguel d'Almeida Ferraz
Geographia e litteratura Manoel José Martins dos Santos	Philosophia e latim Silva Esteves
Mathematica (1.ª parte) A. Almeida Azevedo	Desenho (curso nocturno) João Chrisostomo

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE
Eduardo da Costa Santos, e Sobrinho—Editores.
4, rua de St.º Ildesonso, 12—PORTO.

ABEL BOTELHO

PATHOLOGIA SOCIAL

I
O BARÃO DE LAVOS

A fanchonice—Ahi está o assumpto d'este estudo devido á penna de Abel Botelho ou Abel Acacio, que tudo é um. Todos sabem que, quando se cita algum caso de pederastia desbragada, a indignação com que se acolhe a narrativa esbate-se quasi n'uma indiferença sorridente. E isso provem d'esse vicio repugnante estar profundamente inveterado na sociedade portugueza, como uma nojenta herpes incuravel, que porreja á superficie. N'este romance faz o auctor a pathogenese d'essa molestia n'um exemplar saliente—o Barão de Lavos,—com toda a acuidade e brilhantismo que lhe é peculiar. Desnecessario é ver muito longe para agourar a este trabalho—novo no seu genero—um successo colossal.

NOSSA SENHORA DE PARIS

Romance historico, de Victor Hugo, traducção de João Pinheiro Chagas
Nossa Senhora de Paris, ressurreição viva da edade medi, é uma obra de cunho e um dos mais formosos titulos litterarios do seu auctor. Um grande volume em brochura 2\$400 reis; o mesmo, ricamente encadernado em luxuosas capas de percalina, de diferentes cores mandadas fazer expressamente na Allemanha 3\$400 reis; e, se além de encadernado, tiver as folhas douradas, custa 2\$700 reis.

BIBLIOTHECA ELEGANTE

Esta collecção das obras dos mais laureados romancistas estrangeiros é sem duvida uma das publicações de maior apreço para uma estante escolhida.

A BIBLIOTHECA ELEGANTE, quer litterariamente, quer typographica-mente considerada, não desmente o titulo. Elegantes são as traducções e as edições.

Nem podia ser de outro modo, desde que se destina principal-mente ás damas; e que a direcção da publicação está confiada á nossa collega, a distincta escriptora a sr.ª D. Guiomar Torresão.

Lançada a publico o outro dia, esta publicação conta já um grande numero de assignaturas, e o successo de livraria, do primeiro volume, foi um risonho prognostico do seu exito.

Appareceu já o segundo volume; *Henriqueta*, de Coppé, contendo além d'este romance, umas encantadoras bluettes: *A Omeleta de Drag*; *A Creança*, de Maupassant; *Morta Sandomil*, de Callette; *Eterno amor*, de Jeanne Wilda; *Aline*, de Paulo Bourget.

Henriqueta, é verdadeiramente um perfumado idyllio. *A Creança* é o conto de que Maupassant extrahiu o seu drama *Muzotte*, o grande successo do Gymnasio de Paris.

D'este segundo volume, é tambem traductora a sr.ª Torresão. Assigna-se para a BIBLIOTHECA ELEGANTE nos escriptorios da *Companhia Nacional Editora*, Largo do Conde Barão 50 a 54. Lisboa.

PHARMACIA

DA Santa e Real Casa da Misericordia DE **BARCELLOS**

CAMPO DA FEIRA—EDIFICIO DO HOSPITAL

DIRECTOR—Avelino Ayres Duarte

Pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade de Coimbra

Variado sortimento de fundas, algalias, meias elasticas, suspensorios, mamadeiras, thermometros, etc.

Grande collecção de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras. (76)

ANTONIO BARROS

LOJA DO LEQUE

Ultima novidade em voiles para vestidos, flanelletes, zefires, setinetas flanelas para camizas, cachimiras para vestidos e suas applicações, bordados em côr, ditos em branco, suráhs, chapens de palha para senhora e creanças, cascos d'arame e merlim, flóser, fitas, tules, crepes, leques, gravataria fina, etc, etc.

SÓ NO BARROS

VENDEM-SE

Cascos francezes, de carvalho do Norte, avinhados e em muito bom estado, de 550 a 650 litros de 5\$000 a 7\$000 reis.

JULES DEVEZE
VIANNA DO CASTELLO

PASQUINADAS

(Jornal d'um vagabundo)
FIALHO D'ALMEIDA
Preço 600 reis.

Livraria Civilisação de Eduar-do da Costa Santos e Sobrinho, editores, rua de St.º Ildesonso, 12—Porto.

SILVA ESTEVES

A JUSTIÇA DOS TRIBUNAES

O que são
PROCURADORES—ADVOGADOS
E JUIZES

Um volume de 100 paginas a sahir brevemente.

COMPANHIA DE SEGUROS
NACIONAL PRUSSIANA
S. TETTIN

EFFECTUAM-SE SEGUROS CONTRA FOGO
Agente em Barcellos—Manoel Antonio da Silva Junior.